

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA PERSPECTIVA DO FEMINISMO NEGRO

VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE PERSPECTIVE OF BLACK FEMINISM

Hilma Liana Soares Garcia da Silva¹⁶

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares¹⁷

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo descrever e analisar a história das mulheres negras e sua luta para vencer o preconceito e os mais diversos tipos de violência praticados contra elas. Tal discussão se faz necessária, tendo em vista o preconceito e a violência simbólica sofrida historicamente por essas mulheres e que ainda se propaga nos dias atuais, nas mais diversas práticas sociais, sejam elas reais ou virtuais. Além disso, procura-se aqui apresentar considerações sobre o feminismo negro, o qual se originou a partir da necessidade de se criar um movimento voltado para a mulher negra, que sofre discriminação duplamente, por ser mulher e por ser negra. Nesse sentido, o estudo utilizou como metodologia a revisão bibliográfica sobre a temática em questão e a análise de gêneros textuais, como anúncio publicitário e música. Para alicerçar este estudo e as análises, foram utilizados os pressupostos teóricos que abordam as ideias de Orlandi (2015), Del Priore (2008; 2013), Louro (1995), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Feminismo. Mulher negra.

ABSTRACT: This article aims to describe and analyze the history of black women and their struggle to overcome prejudice and the most diverse types of violence practiced against them. Such a discussion is necessary in view of the prejudice and symbolic violence historically suffered by these women and which still propagates in the present day, in the most diverse social practices, be they real or virtual. In addition, it seeks to present considerations on black feminism, which originated from the need to create a movement aimed at the black woman, who suffers double discrimination, because she is a woman and because she is black. In this sense, the study used as a methodology the bibliographical review on the subject in question and the analysis of textual genres, such as commercial and music. To support this study and analyzes We used the theoretical assumptions that approach the ideas of Orlandi (2015), Del Priore (2008; 2013), Louro (1995), among others.

KEYWORDS: Violence. Feminism. Black woman.

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ensino (POSENSINO), associação UERN, UFERSA e IFRN. Professora da Rede Estadual de Ensino. E-mail: hilmaliana@hotmail.com

¹⁷ Doutora e Mestre em Linguística pelo Programa de pós-graduação em Linguística – PROLING, João Pessoa/PB. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Central. Membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL/UERN. E-mail: luciahelenamct@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade patriarcal, na qual a mulher é vista como submissa ao homem e tem seus direitos negados e reprimidos, faz-se necessária uma luta constante e vigilante, principalmente contra atos de qualquer tipo de violência que causem danos, ridicularizem e humilhem a mulher.

No Brasil, a violência contra a mulher é alarmante, e o que é pior, junta-se ao racismo, fato que agrava veementemente o cerne dessa questão. Segundo Del Priore (2008), esse tratamento vil e desonroso se arrasta desde o Brasil Colonial, período em que as negras e mulatas sofriam todo tipo de violência, principalmente a sexual, pois, além de serem mulheres, tinham sua condição humana inferiorizada também pela cor e pela escravidão. Nesse cenário, eram vistas como prostitutas, presas fáceis e sem valor por uma sociedade preconceituosa e machista. Ainda de acordo com Del Priori (2013, p. 36),

temperadas por violência real ou simbólica, as relações eram vincadas por maus-tratos de todo tipo, como se veem nos processos de divórcios. Acrescente-se à rudeza atribuída aos homens o tradicional racismo, que campeou por toda a parte: estudos comprovam que os gestos mais diretos e a linguagem mais chula eram reservados a negras escravas e forras ou mulatas; às brancas se direcionavam galanteios e palavras amorosas.

As mulheres brancas, mesmo não alcançando o *status* de mulher da sociedade, não sofriam o preconceito vivido pela mulher negra, ou seja, não era somente pelo fato de ser mulher, mas também pela cor da pele. A violência contra o sexo feminino sempre existiu, mas, quando a cor é diferente, os atos violentos se acentuam mais ainda, herança de uma sociedade escravocrata.

Essa herança vergonhosa se propagou durante séculos e ainda se propaga, e o discurso que inferioriza a mulher negra ainda ecoa de forma ostensiva e degradante, no seio familiar, social e trabalhista. A herança escravista também se expandiu para os espaços de trabalho, nos quais a mulher negra sempre ocupava os setores menos qualificados, conforme ressalta Rago (2008, p. 582): “as mulheres negras, por sua vez, após a abolição dos escravos, continuariam trabalhando nos

setores mais desqualificados, recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento”.

Por isso, a necessidade de se criar um movimento voltado para a mulher negra, que sofre duplamente, já que o movimento feminista, antes da década de 1970, de um modo geral, não pontuava as questões voltadas para a raça e a cor.

O movimento feminista não acolhe as questões postas pelas mulheres negras, motivando-as para uma ação política organizativa específica em decorrência da insuficiência com que são tratadas as suas especificidades dentro do movimento feminista. As mulheres têm esta mesma postura com o movimento negro, posto que em um estão os desdobramentos de gênero e no outro não são enfatizadas as questões raciais (RAIMUNDO, GEHLEN e ALMEIDA, 2016, p. 4).

Diante disso, percebe-se que há uma grande diferença, na visão da sociedade, no que se refere ao tratamento dado à mulher branca e à negra. Embora sejam mulheres, as quais passam por discriminação pelo fato de serem mulheres, as negras sofrem mais pelo fato de serem do sexo feminino e por serem negras.

Este artigo tem como objetivo descrever e analisar a história das mulheres negras e sua luta para vencer o preconceito e os mais diversos tipos de violência praticados contra elas. Os estudos desta pesquisa tiveram como metodologia a análise de gêneros textuais como anúncio publicitário e música, seguindo o embasamento teórico de Orlandi (2015), Del Priore (2013), Louro (1995), entre outros.

2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NO BRASIL

De acordo com o *Dossiê Violência contra as mulheres* (2013), meninas, jovens e mulheres, não apenas negras, sofrem os mais diversos tipos de violência: a que é cometida pelo parceiro, a violência sexual, o assédio, o tráfico e até a exploração. Essa violação aos direitos humanos, expressa através da violência, se entrelaça com as questões étnico-raciais e degrada a condição social da mulher negra.

O racismo é um fenômeno ideológico que se manifesta de distintas formas e que preconiza a hierarquização dos grupos, atribuindo a alguns deles valores e significados sociais negativos que servem de justificativa para seu tratamento desigual. Concretamente, nossas sociedades foram estruturadas a partir da definição de lugares sociais para mulheres e para a população negra que não passam pelos espaços de poder e cidadania plena (QUERINO, 2013, s/p).

Se, durante a década dos anos 1920, considerava-se que a mulher era oprimida apenas pelo gênero, hoje, essa ideia de opressão se ampliou. As violências ocorrem em vários aspectos: raça, gênero, classe social, além da naturalidade. Até o lugar de nascimento pesa na discriminação. Os espaços de poder e cidadania plena não são acessíveis para todas, mas apenas para uma parcela de mulheres que estão dentro dos padrões preconizados pela sociedade.

Por conta disso, surgiu um movimento que teria como objetivo ser a voz da mulher que sofre opressão. O feminismo se iniciou no final do século XIX e ganhou força na década de 1960. Esse movimento teve três grandes ondas. A primeira, intitulada de sufragista, buscava igualdade de direitos para a escolha dos cônjuges; direito aos bens materiais herdados e os direitos políticos; a segunda onda, mais marcada entre as décadas de 1960 a 1980, buscava a igualdade entre os sexos; a revisão das desigualdades políticas, sociais e culturais e a reflexão sobre as estruturas de poder na sociedade; a terceira onda, que se iniciou nos anos 1990 e perdura até hoje, busca manter os direitos conquistados pelas mulheres, o respeito às diferenças raciais, o fim da violência doméstica, a melhoria das leis trabalhistas e os direitos para a mulher do Oriente (MEDEIROS e BARACUHY, 2012).

Os estudos feministas têm levado essa discussão de gênero para além do sexo. A complexidade social aumenta ainda mais os debates em torno do tema, demonstrando as relações de poder existentes entre os membros da sociedade, sejam mulheres ou não. Segundo Louro (1997, p. 41),

homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas.

Dessa forma, homens e mulheres são conduzidos a assumirem posturas e atitudes que socialmente foram instituídas como um padrão para ambos, no qual se observa o estabelecimento de uma relação de poder implícita ou explícita e que está arraigada no seio social.

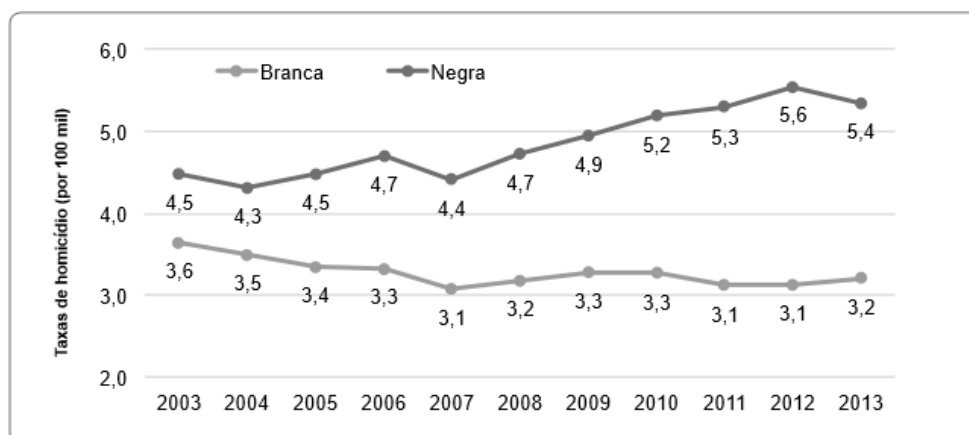
3 AS REIVINDICAÇÕES DO FEMINISMO NEGRO

Como os estudos feministas não se limitam mais apenas ao gênero, para contribuir com as discussões, o feminismo negro surgiu nos Estados Unidos e

inclui na organização das pautas feministas as reivindicações das mulheres negras levando em consideração as suas reais necessidades, já que elas sofrem uma tripla opressão. Além do machismo, enfrentam o preconceito de classe social e o racismo, que abala não só sua autoestima, mas impõe barreiras à sua presença em espaços de poder (ANUNCIADA, 2016, s/p)¹⁸.

De acordo com dados do *Mapa da Violência 2015 – Homicídio de mulheres no Brasil*, divulgado pela ONU Mulheres, a cor das vítimas é prioritária da violência homicida no país. Enquanto o homicídio de mulheres brancas vem caindo (de 2006 para 2013 houve uma queda de 2,1%), o de mulheres negras só aumenta (de 2006 para 2013 houve um aumento de 35% dos casos). A Figura 1 mostra a evolução das taxas de homicídio de mulheres brancas e negras.

Figura 1: Taxa de homicídio de mulheres brancas e negras



Fonte: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf

¹⁸ Disponível em: <<http://blogueirasfeministas.com/2016/03/uma-conversa-sobre-feminismo-negro/>>

Quando se fala em feminismo negro, fala-se na luta da mulher pela aceitação de sua raça e cor e, principalmente, na construção da sociedade. Durante séculos, a mulher negra foi marginalizada e não teve o devido reconhecimento, sendo vista como um subproduto de senhores de escravo e de uma sociedade que exigia uma aparência estereotipada, seguindo padrões eurocêntricos, para estar em seu meio.

A unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas (CARNEIRO, 2011, s/p)¹⁹.

Esses privilégios podem ser observados em vários âmbitos da sociedade. Na esfera do trabalho, por exemplo, as mulheres brancas possuem mais oportunidades de trabalho, tendo em vista as questões estéticas relacionadas à cor, tipo de cabelo, a supervalorização de acordo com um padrão estereotipado socialmente e reforçado pela mídia.

É importante ressaltar que o feminismo negro é um precursor do feminismo interseccional, surgido na década de 1980, o qual não vê a discriminação contra a mulher e contra a negra de forma isolada, mas ambos estão inter-relacionados e devem ser levados em consideração quando se trata de decisões jurídicas (ANUNCIADA, 2016, s/p).

Embora tenham surgido movimentos em defesa da mulher negra, ela ainda continua sendo vista como descartável, tendo destaque apenas em eventos festivos como representante de um modelo de mulher, mas, no dia a dia, não recebe o devido reconhecimento. E o que é pior, continua sofrendo preconceito e exclusão, fato que ainda permeia todos os aspectos sociais e que pode ser visto também nos meios de comunicação, a exemplo da *internet*, como será apresentado a seguir.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/#gs.1yRe4o4>>

4 ANÁLISE DOS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS QUE ENFATIZAM A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER NEGRA

A violência contra a mulher não se restringe apenas à violência física, ela pode se configurar das mais diversas formas. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (2016, s/p):

Violência contra a mulher - é qualquer conduta - ação ou omissão - de discriminação, agressão ou coerção, ocasionada pelo simples fato de a vítima ser mulher e que cause dano, morte, constrangimento, limitação, sofrimento físico, sexual, moral, psicológico, social, político ou econômico ou perda patrimonial. Essa violência pode acontecer tanto em espaços públicos como privados.

Em tempos de grande utilização das redes sociais, observa-se o uso indiscriminado de espaços públicos virtuais para se propagar imagens e textos que refletem o preconceito e a violência moral e psicológica contra as mulheres, das quais a mulher negra não é uma exceção. O *corpus* aqui analisado é entendido como um retrato da violência psicológica contra a mulher negra difundida numa sociedade globalizada e tecnológica que transmite sua ideologia e suas formas de pensamento. Ainda de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2016, s/p),²⁰ a violência psicológica é entendida como

[...] qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação.

Tal violência, muitas vezes, passa despercebida e é difundida indiscriminadamente de forma lúdica e humorística em larga escala pelas redes sociais. E o mais agravante é que esse tipo de atitude não é reconhecido pelas

²⁰ Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>

pessoas como uma violação dos direitos da mulher, não é reconhecido como um ato de violência que precisa ser cerceado.

Na Figura 2, temos uma imagem do Concurso de Talentos "Mulheres que Brilham"²¹ que foi veiculado no Programa Raul Gil, no SBT e patrocinado pela Bombril. Na imagem, a mulher é, de forma tácita, comparada a uma marca de esponja de aço que serve para limpar panelas de alumínio. Percebe-se que, na composição da imagem, os contornos humanos enfocam uma mulher negra, embora a figura não mostre a cor. Contudo, a referência da figura torna-se perceptível pelo formato do cabelo e pelos traços característicos de uma pessoa afro-descendente. Escondido por trás da frase de efeito "Mulheres que brilham" revela-se o racismo atrelado às características da mulher negra, em especial, aos cabelos que sempre foram ridicularizados e comparados a uma esponja de aço. Inclusive, a logomarca do produto "Bombril" está exposta justamente na parte dos cabelos da figura, remetendo-se ao discurso cristalizado de que o cabelo afro é comparado a uma esponja de aço, o popular dito "cabelo de Bombril".

FIGURA 2: Concurso de Talentos "Mulheres que Brilham", da Bombril.



FONTE: <https://goo.gl/CJ7P67>

²¹ Várias pessoas reclamaram nas redes sociais e criaram uma petição online para tirar essa campanha do ar. Ver <https://goo.gl/fj6VRE>

Outrossim, ainda remete à mulher negra ao ambiente doméstico, aos afazeres da cozinha, lugar que sempre foi direcionado a ela, herança de uma sociedade machista e escravocrata que oprime e marginaliza a mulher negra, dimensionando-a aos trabalhos menos privilegiados, uma violência simbólica que revela resquícios de uma relação de poder hierárquico de supremacia de uma raça sobre a outra.

É perceptível que esse discurso discriminatório não acabou, ainda permeia o cotidiano das mulheres negras que, por terem seus cabelos crespos, são motivos de exclusão e expostas a todo tipo de discurso pejorativo, um fato preconceituoso que repercute socialmente há muitos anos e que ainda ganha força por sua repetição também nos ambientes virtuais.

No gênero exposto na Figura 3, um fragmento de uma canção intitulada “Minha nega na janela”, um grande sucesso na década de 1950, do compositor Germano Mathias, considerado um representante do samba paulistano.

FIGURA 3 – Trecho de música sobre a mulher negra

11. Minha Nega Na Janela -
Germano Mathias

*"Minha nega na janela/ Diz que
está tirando linha / Êta nega tu é
feia / Que parece macaquinha /
Olhei pra ela e disse / Vai já pra
cozinha / Dei um murro nela / E
joguei ela dentro da pia / quem foi
que disse que essa nega não
cobia?"*

FONTE: site Catraca Livre (<https://goo.gl/i77Zwr>).

O trecho traz uma exposição de ideias que remetem à violência psicológica, física e moral contra a mulher negra. O discurso apresentado na música compara a mulher negra a um animal, fato esse que revela os efeitos de sentido de uma memória discursiva, a qual resgata um preconceito grotesco que associa os traços de pessoas negras aos de um macaco. Como se não bastasse, a canção ridiculariza a aparência da mulher, caracterizando-a como feia, subjugando-a à

dominação masculina ao ordenar que ela vá para a cozinha e, ainda, esboçando atos de violência física, como forma de imposição da vontade do homem para que ela assuma as atividades domésticas. O gênero em análise, mais uma vez, reafirma o preconceito e a violência contra a mulher associada ao racismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta pela igualdade de gêneros é uma luta vigilante e persistente que não pode ser silenciada. A luta pelo combate à violência contra a mulher, seja ela negra, parda ou branca, tem que ser constante e efetiva, pois o que se percebe é que, apesar do histórico de conquistas, de organização de movimentos feministas em busca de igualdade de direitos políticos, econômicos e sociais para as mulheres, as desigualdades ainda existem.

E o que é pior: a violência contra as mulheres ainda persiste em suas mais diversas formas, moral, patrimonial, sexual, física e psicológica. Nesse cenário, estatisticamente, as mulheres negras são vítimas em maior escala. Dessa forma, são agredidas pelo fato de serem mulheres e também pelo fato de serem negras.

Os discursos preconceituosos, arcaicos e machistas ainda se propagam e se reproduzem, em pleno século XXI. A violência se alastra e se difunde, não só na forma de agressão física, mas também através de atitudes, palavras e ofensas que são expressas nas redes sociais, em forma de gêneros textuais, disfarçados de discursos jocosos, lúdicos, interativos e que também estão nas práticas sociais, circulando entre as pessoas nos espaços físicos e virtuais.

O feminismo negro traz uma nova visão sobre o real papel da mulher, a qual continua sofrendo a mesma discriminação de séculos atrás e busca combater essas ações violentas, racistas e preconceituosas que se propagam nos espaços virtuais e físicos.

REFERÊNCIAS

ANUNCIADA, Patrícia. *Uma conversa sobre feminismo negro*. Blogueiras Feministas. Disponível em: <<https://goo.gl/D5C9mY>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. Disponível em: <<https://goo.gl/wC8gnN>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

CATRACA LIVRE. *12 músicas que reproduzem machismo e violência contra a mulher*. Disponível em: <<https://goo.gl/i77Zwr>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Formas de violência*. Disponível em: <<https://goo.gl/ObSk00>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FACEBOOK. Disponível em: <<https://goo.gl/8jgYWu>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

GOOGLE. Disponível em: <<https://goo.gl/Mmx3xc>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.

LOURO, Guacira L. A emergência do gênero. In.: LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1997. p. 14-36. ISBN 85.326.1862-6.

MEDEIROS, Lúcia Helena e BARACUHY, Regina. As mulheres entre o poder e a resistência: discurso, história e acontecimento. *Revista da ANPOLL/Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*. V.1, N. 32, 2012. P.107-122. Disponível em: <https://goo.gl/ejT4H7>.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6 ed. Campinas – SP: Pontes, 2005. 98 p. ISBN 978-85-7113-131-6.

QUERINO, Ana Carolina. Violência e racismo. Disponível em: <<https://goo.gl/YdJWXe>>. Acesso em: 30 de nov. de 2016.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAIMUNDO, Valdenice José; GEHLEN, Vitória; ALMEIDA, Daniely. *Mulher negra: inserção nos movimentos sociais, feminista e negro*. Disponível em: <<https://goo.gl/RGvUn9>>. Acesso em: 1º de dez. 2016.

ROMIO, Jackeline Aparecida Ferreira. A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In: MARCONDES, Mariana Mazzini; PINHEIRO, Luana; QUEIROZ, Cristina; QUERINO, Ana Carolina, VALVERDE, Danielle (Org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no*

Brasil. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/cteuhq>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/azUzUr>>. Acesso em: 30 de nov. 2016.